

A GESTÃO DA ÁREA DE CINEMA NO SESC SÃO PAULO

José Rodrigo das Neves Gerace¹

RESUMO: Este trabalho pretende levantar histórico da gestão de cinema no Sesc São Paulo, a fim de identificar o pensamento institucional sobre a linguagem em diversos contextos e estratégias programáticas. Traçar esse panorama é relevante, pois fornece indícios sobre as mudanças estruturais da instituição e do pensamento crítico construído sobre o que é cinema em diferentes frentes de difusão e mediação cinematográfica.

PALAVRA-CHAVE: Gestão cultural; Cinema, Sesc São Paulo; Memória; História.

ABSTRACT: This work intends to raise a historical cinema management at Sesc São Paulo to identify institutional thinking about this language in different contexts and strategies. It is relevant because it provides evidences about the structural changes of the institution and critical thinking in different fronts broadcast and cinematic mediation.

KEYWORD: Cultural management; Cinema; Sesc São Paulo; Memory; History.

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura identificar, ao traçar um histórico da gestão de cinema no Sesc São Paulo, o pensamento institucional sobre a linguagem, moldado no decorrer dos tempos, de 1948 a 2014, a partir de diferentes estratégias de ação programática em suas unidades do Estado de São Paulo. Perceber a gestão cultural atendida aos diversos momentos históricos é relevante, pois fornece suporte às reflexões sobre as mudanças estruturais da instituição e seus pensamentos sobre a linguagem. Nesse sentido, algumas questões vêm à tona: Na perspectiva do Sesc como uma instituição sociocultural, como foi sistematizado um pensamento de gestão sobre a área? Quais os principais objetivos do Programa de Cinema? De que modo as estratégias de ação cultural orientam uma programação regular e permanente nas 32 unidades do Estado de São Paulo? Quais

1 Formado em Ciências Sociais, pela UNESP, com mestrado e doutorado em Cinema pela UFMG e Universidade Nova de Lisboa/Portugal. Autor da dissertação “O cinema de Lars von Trier: dogmatismo e subversão” (2006) e da tese “Cinema-explicito: representações cinematográficas do sexo” (2011). Possui diversos artigos publicados em jornais, revistas e cadernos de pós-graduação como: “Intermedialidade em Dogville”. *Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG*. Belo Horizonte, vol. 1, pp. 75-87, 2009; “O beijo no cinema”. *Revista da Cultura*, dez. de 2011; “Um cinema que já diz seu nome”. *Revista Com’Out*, Lisboa, p. 75, out. de 2010; entre outros.

são os eixos fundamentais que orientam essa gestão? Qual a ruptura e inovação que tal sistematização trouxe ao modelo de gestão cinematográfica? E, fundamentalmente, como manter a coesão institucional sem perder de vista a diversidade da linguagem em todas as suas transversalidades? Como manter uma gestão híbrida que perceba o cinema dentro de um escopo artístico-social plural e *in process*?

Para a coleta de dados históricos informativos e visuais para a pesquisa foram realizadas consultas nos arquivos do Sesc Memórias, programa que possui o acervo da instituição, desde a sua inauguração, em jornais, revistas, publicações, livros e relatórios de referência. Além disso, algumas bibliografias serviram de referência para a discussão ampliada sobre a gestão cultural e sobre o cinema como prática social. O material utilizado no curso de Gestão Cultural do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo também orientou os caminhos aqui pretendidos.

O CINEMA NO SESC SÃO PAULO

Desde a sua criação, em 1946, o Sesc sublinhou seu modelo de ação sociocultural focado na “educação como pressuposto para a transformação social. A concretização desse propósito se deu por uma intensa atuação no campo da cultura e suas diferentes manifestações, destinadas a todos os públicos, em diversas faixas etárias e estratos sociais. Isso não significa apenas oferecer uma grande diversidade de eventos, mas efetivamente contribuir para experiências mais duradouras e significativas”.² Nesse sentido, a educação não formal, ancorada por diversas áreas de atuação, dos esportes às linguagens artísticas, perpassa o campo do simbólico e do cotidiano para reforçar o caráter permanente da ação sociocultural da instituição. Não só a gestão, mas as estratégias só se consolidam em um campo transformador simbólico e real na regularidade e permanência de suas ações.

Com relação à ação permanente em cinema, desde o final de 1948, quando o Sesc Bertioga foi inaugurado, a unidade dispunha de uma sala de cinema, que também era utilizada para apresentações teatrais, mas que regularmente projetava filmes para os comerciários associados na colônia de férias. Eram exibidos filmes curtos, geralmente institucionais ou documentais, segundo documento pesquisado no acervo do Sesc Memórias intitulado “Relatório Anual do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio”, datado de 1950.³ No documento, consta que no

2 Disponível em: http://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/palavras-do-diretor/127_MODELO+DE+GESTAO+CULTURAL#texto. Acesso em 07 mai. de 2014.

3 “Relatório Anual do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio”. São Paulo, 1950,

ano de 1949, por exemplo, foram realizadas quinze projeções cinematográficas e, no relatório do ano posterior, 150 sessões.⁴

A partir das informações técnicas do documento anual e da análise do discurso presente no periódico “O Sesc em Marcha”, cuja primeira edição data de novembro de 1949, é possível verificar que o cinema era pensado pela instituição, até então, mais como uma recreação e entretenimento do que como atividade intelectual deflagradora da realidade – pensamento que vai vigorar a partir de 1967.

Na Coleção “O Sesc em Marcha”, vale notar que havia mensalmente uma lauda destinada à arte cinematográfica, intitulada “Sons e imagens”, que focava o universo do entretenimento cinematográfico aliado ao *glamour* hollywoodiano. Eventualmente, a sessão trazia algum artigo sobre a história do cinema, como “Crônica filmada” e “Cinema e crítica” (imagem 1, a seguir), notícias na coluna “Cinema em pílulas”, além de biografia de artistas. Trazia ainda jogos de adivinhações, “De que filme é esta cena?”, que, no acerto, dava aos leitores entradas para o cinema.



Imagem 1. Fonte: Coleção “O Sesc em Marcha”. set./out., 1950. Serviço Social do Comércio – Sesc. Departamento Regional do Estado de São Paulo. Acervo Sesc Memórias.

Em um anúncio do periódico, de setembro de 1951, nota-se a existência de um clube de cinema, promovido pelas entidades patrocinadas

pp. 10 e 76. Acervo Sesc Memórias.

4 “Relatório Anual do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio”. São Paulo, 1951, p. 41. Acervo Sesc Memórias.

pelo Sesc. Na mesma edição, temos um artigo assinado por Florentino Barbosa e Silva, assistente técnico do Museu de Arte, intitulado “Cinema educativo”, que coloca o cinema como:

O veículo mais eficaz de ensinar e ampliar os conhecimentos de cada um dos seus espectadores. O cinema, a arte do movimento, como instrumento de educação, é um dos mais modernos porque é invento recente e eficiente como bem poucos. As imagens projetadas através (grafia da época) do cinema são mais facilmente memorizadas do que aquelas outras decorrentes da leitura de um livro. A realidade do próprio movimento diminui (grafia da época) o esforço do raciocínio e aumenta a retenção.⁵

Pela escolha desta pauta, podemos perceber indícios da crença do Sesc no cinema como possível instrumento de mediação cultural que atravessa várias áreas e atinge todos os públicos e níveis simbólicos e efetivos, educativos.

Em uma publicação do Sesc, a *Revista do Comerciário*, edição de 1956, porém em um outro artigo, “A importância do cinema”, na Coluna do Comerciário, merece destaque. Como o próprio título indica, o ensaio endossa a visão institucional sobre o cinema que estava em construção no período, ampliada do campo recreativo ao sociopolítico: o autor defende o cinema realista e de cunho social.

É certo que muitos preferem a fuga à realidade sob o pretexto de que “a vida já é por si triste”. Os filmes que focalizam problemas cotidianos são olhados com menor interesse. A realidade é que constituem esses filmes os que poderiam atingir o índice mais elevado de arte, não sendo necessariamente “tristes”, nem a vida deve ser olhada sob aquele aspecto cinzento. Por meio desses filmes fazem o bom cinema os seus diretores, que o compreendem como arte que não deve ser divorciada da vida, mas deve servir ao homem, possibilitando-lhe maior consciência de si mesmo, de sua dignidade, de seu projetar-se dentro de um determinado grupo social.⁶

5 Coleção “O Sesc em Marcha”. *Cinema educativo*. Por Florentino Barbosa e Silva, set. de 1951. Serviço Social do Comércio – Sesc. Departamento Regional do Estado de São Paulo. Acervo Sesc Memórias.

6 *Revista do Comerciário*. Serviço Social do Comércio. Ano I, nº 2, fev. de 1956.

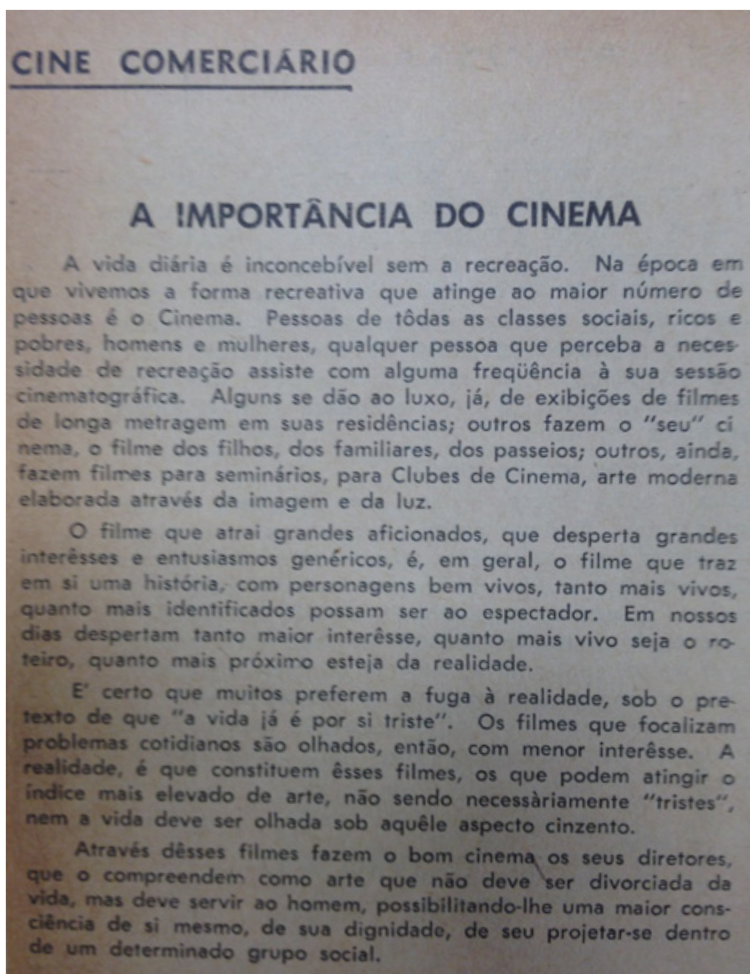


Imagem 2. Fonte: Coleção "O Sesc em Marcha". A importância do cinema. Revista do Comercário. Edição de 1956. Acervo Sesc Memórias.

Na mesma publicação, porém na 2º edição de 1960, o artigo "O que é cinema", assinado por Ronaldo Pavesi, coloca o cinema como uma arte que, mesmo "jovem", "com meio século de existência, encontra-se em estado de inquietação. É um gigante que não sabe até onde sua força alcança. O que, aliás, torna seu estudo realmente apaixonante".⁷ Ao comentar o processo de identificação do espectador com os personagens ou tramas, Pavesi enxerga uma força revolucionária de encantamento e união do povo com o cinema. Será a partir dos anos de 1960 que o Sesc potencializará o cinema para além de uma atividade recreativa: trata-se de uma prática social que atravessa o campo simbólico do individual em sua experiência única, emotiva e pessoal cinematográfica.

Mergulhado na difusão cultural em seu maior alcance, via acessibilidade e mediação, durante a década de 1960, o Sesc São Paulo iniciou um projeto de ação sociocultural nas cidades do interior de São Paulo que não eram alcançadas pela instituição. As Unimos – Unidades Móveis de Orientação Social, por meio de estudos e mediação de conteúdo prévio, iam até as cidades, onde permaneciam por alguns meses, desenvolvendo

7 Revista do Comercário. "Serviço Social do Comércio". Ano IV, nº 2, 1960, pp. 6-7.

do atividades socioculturais e esportivas, mediadas por técnicos responsáveis pela gestão local da programação em diversas linguagens, entre elas, a de cinema.



Imagem 3. Unimos - Unidades Móveis de Orientação Social. Fonte: Acervo Sesc Memórias.

As equipes deslocavam-se em carros equipados com diversos materiais e equipamentos, incluindo tela de projeção e filmes de 16mm. As projeções de películas estavam no escopo de ação programática permanente da Unimos. Ou seja, a ação cultural em cinema integrava e incentivava a ação comunitária, de acordo com relatório do período:

A concepção de Ação Comunitária como metodologia operacionalizada pela Unimos objetiva, interdependente e dialeticamente, a concretização de atividades de lazer em determinado campo no qual se processa a educação social, em uma perspectiva de educação permanente. Trata-se de uma proposta de esquema analógico de Ação Comunitária, ou de intervenção na realidade social, que procura evidenciar a dinâmica ou estabelecer a teia de relações que se efetua entre os componentes supra indicados, tendo em vista atender a objetivos e interesses técnicos e institucionais. [...]São objetivos gerais operacionais desse esquema contribuir para criar ou dinamizar condições ao desenvolvimento integral da personalidade humana e do desenvolvimento sócio-cultural.⁸

⁸ *Relatório Anual do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio*. São Paulo, 1960-69, pp. 40-41. Acervo Sesc Memórias.

Percebemos assim que, do final dos anos de 1940 até meados de 1960, a visão institucional de cinema revertida em ação programática era a da recreação, o filme como um passatempo – muito por conta do Sesc São Paulo também nesse período inicial, da gestão e filosofia institucional que se formava, estar voltado especialmente para o lazer e saúde dos comerciários, seu público prioritário. Após os anos de 1960, a visão amplia-se para além do bem-estar, integrando o lazer como potencialidade de acolhimento e realização pessoal/coletiva no tempo livre, além do caráter cada vez mais efetivo da ação educativa sociocultural permanente. O cinema passa então a ser visto como parte da realidade social e potente instrumento de mediação para o desenvolvimento sociocultural e emotivo.

Tanto que em junho de 1967 foi criado um Curso de Iniciação em Cinema dentro do Seminário de Estudos de Orientadores Sociais, em documento sistematizado pela Administração Regional do Sesc São Paulo e aperfeiçoado em capítulos a cada bimestre. A ideia era sistematizar a história do cinema, de modo crítico, desde o “aparecimento do cinema”, suas técnicas, teorias e linguagem, até abordar o esquema de distribuição e o cinema brasileiro. O documento, disponível no Sesc Memórias, traz indicativos, feito um roteiro, de como dinamizar o trabalho dos orientadores sociais que trafegavam pelas cidades levando o cinema: desde o levantamento socioeconômico e cultural prévio das cidades – por meio de pesquisas e questionários – até a apresentação de estudo comparativo e debates após as exhibições. Após as exhibições, os debates propostos eram desenvolvidos com os técnicos do Sesc sobre questões cinematográficas (autor, estética, temática) e sociais, envolvendo a realidade crítica.

A perspectiva geral desse estudo era perceber o cinema em uma perspectiva crítica da realidade para além do entretenimento. Na página 23, o documento reforça temas a serem trabalhados com alunos: 1) função social do cinema; 2) o cinema como diversão; 3) o cinema educativo; 4) o cinema brasileiro e o público. Aliás, o texto termina um capítulo de modo cinemanovista, citando Glauber Rocha: “Há uma inquietação artística, há coragem intelectual, há técnicos competentes, há, sobretudo, como nunca houve em nenhum cinema do mundo, de forma tão maciça, juventude: Câmera na mão, trata-se de construir”. Consolidase então, em novo olhar para a gestão cultural, plural e atenta com o contemporâneo, a compreensão do cinema como arte mediadora, do entretenimento ao campo intelectual, crítico. Dá ao cinema o status de crítica da sociedade e passa a angariar um modelo de gestão cultural para a linguagem. Primeiro a partir da sistematização desse amplo documento histórico e crítico – praticamente um livro –, depois lançando estratégias de ação na área.

O trabalho social angariado pela Unimos explorou o cinema para além do filme e da difusão. O trânsito cinematográfico favorecido pelo acesso estava atrelado aos objetivos institucionais e às estratégias de educação permanente. Podemos dizer que, embora não tivesse ainda uma gerência exclusiva de cinema ou mesmo uma sala própria, o Sesc nesse momento criou uma espécie de “CineClube itinerante”, aliado às outras áreas artísticas, mas sempre focado no estudo, na pesquisa e no debate – tríade que vigorou no modelo de gestão dos anos seguintes.

Em 14 de novembro de 1967, foi inaugurado o Teatro Anchieta, no Sesc Consolação, que deu significativo impulso às programações de teatro e cinema, criando uma grade consistente e regular de programação de filmes. A primeira exibição cinematográfica ocorreu em 05 de novembro de 1968 – mesmo momento em que a tropa de choque policial havia mobilizado o quarteirão estudantil do Mackenzie e do prédio de filosofia da USP – Maria Antonia (Tusp). Na ocasião foram exibidos os filmes: *O evangelho segundo São Mateus* (1964), de Pier Paolo Pasolini; o brasileiro *O padre e a moça* (1965), de Joaquim Pedro de Andrade; *Trinta anos esta noite* (1963), de Louis Malle; *Dr. Fantástico* (1964), de Stanley Kubrick; entre outros. Embora hoje prevaleça a programação teatral no espaço, essa foi uma das primeiras salas de cinema do Sesc São Paulo na capital de São Paulo, previamente à criação do CineSesc, com exibições regulares em 35mm.

Em 21 de setembro de 1979, o Sesc São Paulo inaugurou um cinema próprio, o CineSesc, com 330 lugares na ocasião, ocupando o antigo *Cinema Um*, que já era um espaço voltado para uma programação alternativa – um dos chamados “cinemas de arte” da cidade, que exibia produções do circuito independente e autoral de várias nacionalidades. Os primeiros filmes exibidos nesse novo espaço foram *Vidas secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, e *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra. Na ocasião, a unidade deu sequência aos projetos “Geração 68... Cinema Paulista de 68 a 79”, “Tendências do Cinema Italiano”, “Melhores de 1978”, “30 anos de Cinema Russo”, “Cinema e Jornalismo” e à parceria com a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo – segundo Relatório Anual de 1980.⁹

No relatório prévio à inauguração, datado de 18 de junho de 1979, e assinado pelo então Presidente da Federação do Comércio, José Papa Júnior, era reforçada a importância da linguagem:

Inaugurado no exercício, como resposta da entendida à importância assumida pelas atividades de cinema no conjunto das práticas de lazer da clientela, o CineSesc instituiu na comunidade uma nova e importante alternativa cultural. De um lado representa recurso de apoio pedagógico ao ensino básico, ao oferecer filmes didáticos em sessões especiais para estudantes,

9 Relatório Anual de 1980. Serviço Social do Comércio. Acervo Sesc Memórias. Pesquisa em 07 mai. de 2014.

no projeto “A Escola vai ao Cinema”. De outro, visa estimular e prestigiar a cinematografia nacional – realizando atividades como o “I Festival de Cinema Brasileiro de São Paulo” – ao mesmo tempo em que oferece mais uma opção de lazer cultural aos comerciários, sempre com programação de bom nível, no sentido de suscitar e desenvolver a sensibilidade estética e crítica do espectador.¹⁰



Imagem 4. Fonte: Acervo Sesc Memórias.

Assim, a ênfase no lazer como ensejo para a educação não formal foi reforçada e o cinema passa a ter o status de entretenimento inteligente. No cartaz de divulgação do I Festival de Cinema Brasileiro de São Paulo, de 04 de outubro de 1979 (imagem 4), a tese é reiterada: “CineSesc: arte e educação no lazer”. E, no cartaz de inauguração, publicado como anúncio na Folha de São Paulo de 21 de setembro de 1979, com caricaturas de cineastas e aforismos (imagem a seguir), temos esta expressão: “O CineSesc será mais que uma sala de exibição. Vai ser um cinema com uma programação muito especial. Lá você vai ver filmes de arte, filmes que divertem, filmes polêmicos. Que emocionam, que fazem pensar”.

10 Relatório Anual de 1980. Serviço Social do Comércio. 18 jun. de 1979. Acervo Sesc Memórias.

SESC APRESENTA O MAIOR LANÇAMENTO CINEMATOGRAFICO DO ANO: CINESESC.

O Sesc está inaugurando um novo cinema em São Paulo. Fica ali na Augusta, onde era o Cinema 1. E o Cinesesc será mais que uma sala de exibição. Vai ser um cinema com uma programação muito especial. Lá você vai ver filmes de arte, filmes que divertem, filmes políticos. Que emocionam, que fazem pensar. Além das sessões normais, o Cinesesc vai ter sessões especiais: sessão Zig-Zag, sessão reprise, sessão lançamento.

Há muito tempo que você me vê dubiado. Na sessão reprise do Cinesesc você vai ouvir a minha famosa voz.

No sessão lançamento você vai poder ver meus filmes antes que um chato lhe conte o fim.

Em todas as sessões, quem está na tela e quem está na plateia recebe um tratamento de primeira. A imagem é perfeita, o som é perfeito, as poltronas são perfeitas. Até um barzinho o Cinesesc vai ter.

O Cinesesc é o cinema do comerciante. Muito justo que ele tenha direitos ainda mais especiais. E vai ter, desde a entrada. No Cinesesc, trabalhador do comércio paga meia.

No Cinesesc o comerciante vai me conhecer melhor.

Nenhum cinema estava nos contrabando. Ainda bem que o Cinesesc tem uma sessão Zig-Zag.

cineSesc
Arte e educação no lazer
Rua Augusta, 205
Fone: 304213 - São Paulo

FOLHA DE S. PAULO 21 de setembro de 1979

1 de 12

Imagem 5. Fonte: Anúncio de Inauguração do CineSesc. Folha de São Paulo, 21 de setembro de 1979. Acervo Sesc Memórias.

Até hoje o CineSesc realiza importantes parcerias nacionais e internacionais com instituições, consulados, organizações e associações que desenvolvem Mostras e Festivais de Cinema, como a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, In-Edit, Kinoforum – Festival Internacional de Curtas-Metragens, Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade Sexual, Festival de Cinema do Rio, Mostra Indie de Cinema Mundial, Festival de Cinema Latino-Americano, entre outros. Além de exhibições, promove cursos, debates e outras atividades formativas de reflexão sobre a arte cinematográfica, como o “Cinema da vela”, “Cine psique” e “Aula magna”. Com preços de ingressos acessíveis, a unidade traz programação regular de filmes e ainda um projeto especial para as crianças, o “CineClubinho”.

Durante os anos 1980, o Departamento Nacional do Sesc criou um projeto intitulado Fimoteca, que circulou filmes nacionais, curtas e longas-metragens, em 16 mm, por dezessete estados brasileiros. O objetivo principal era formar públicos para o cinema nacional.

Ao todo a Fimoteca exibiu 505 filmes para cerca de 210 mil pessoas. Em diversas unidades, o Sesc promovia palestras com críticos e cineastas após as sessões e promoveu mostras sobre o Cinema Novo e sobre o cineasta

Glauber Rocha. Entre os filmes exibidos, destacaram-se: “Rio 40º”, “Terra em Transe”, “Cinco Vezes Favela” e “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Ambas contaram ainda com um grupo de estudos sobre o desenvolvimento do cinema nacional.¹¹

Nos anos de 1990 até os anos 2000, a linguagem de cinema foi gestada no escopo de uma Gerência na Administração Central do Sesc (GAOP e depois GEAC), que abarcou várias áreas artísticas reunidas em um mesmo modelo gestor. A partir de meados dos anos 2000, a área deixou de ser dividida com outras artes e tecnologias (até então estava no escopo de “Cinema e cultura digital”), sendo então refletida como linguagem autônoma. Hoje existe um Programa específico de Cinema no Sesc São Paulo, que reflete questões e ações sobre a linguagem dentro de norteadores institucionais que abarcam frentes de difusão, mediação, intercâmbio, parcerias e experimentação. Com foco na pesquisa e nas estratégias de ação cultural, esta gerência (Geac – Gerência de Ação Cultural) orienta, pesquisa e aprofunda programações de cinema nas Unidades do Sesc São Paulo da capital, do litoral e do interior. É possível verificar, no quadro atual, que a gestão em cinema configura-se a procura de possíveis estratégias de ação imersas em um planejamento dinâmico à transversalidade da própria linguagem, que se renova em novos formatos e narrativas.

Pensar a gestão de cinema não se limita unicamente à exibição de filmes, mas vai além em proposições e formatos, desde cursos e seminários até cinema expandido e de instalação, do tradicional ao experimental, das vanguardas ao *underground*. Pensar cinema, nessa perspectiva, dinamiza novas estratégias contemporâneas de fluxo artístico e experimentação/fruição com o público. Nesse sentido, para o Sesc São Paulo a “ação cultural deve estar a serviço da pluralidade das experiências e da diversidade do pensar, pressupondo que, por seu intermédio, possam ser geradas novas ações individuais e coletivas, que estimulem a autonomia do gosto, a multiplicação das possibilidades do imaginário, das percepções e dos contatos sociais”, segundo o diretor regional Danilo Santos de Miranda. Assim, percebemos que na atualidade o planejamento da área não se limita unicamente à programação – que é o resultado de uma ação estratégica –, mas se expande pelos eixos da pesquisa, crítica, experimentação, produção e circulação dentro de uma lógica da permanência das atividades. O diretor regional reforça:

11 Modelo da Atividade Cinema – Módulo Programação. Gerência de Cultura/Divisão de Programas Sociais: Flávia Barone e Nádia Moreno (Conteúdo); Gerência de Estudos e Pesquisas/Divisão de Planejamento e Desenvolvimento: Sebastião Henrique Chaves (Coordenação). Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2007.

Nossa instituição tem implementado diversas ações neste campo (o cinema), com o intuito de favorecer o entendimento da linguagem audiovisual e de ampliar o seu público. O apoio às diversas realizações em cinema que acontecem nesta cidade, e a própria criação do CineSesc, há trinta anos, são evidências da importância que atribuímos às possibilidades dessa arte. Ao investirmos continuamente nesta direção, agimos em consonância com a missão institucional do Sesc, pautada pelo entendimento da ação cultural como base para o real desenvolvimento da sociedade. A ação cultural constitui, assim, um importante fator de promoção da qualidade de vida. É nesse sentido que o nosso trabalho está alicerçado na democratização do acesso aos bens culturais. O nosso papel, portanto, é o de proporcionar oportunidades de acesso a produtos culturais menos veiculados e com grande capacidade de produzir as reflexões necessárias para a compreensão de nosso tempo e para a construção de um mundo melhor.¹²

O Programa Atual de Gestão em Cinema desenvolve ações que valorizam a linguagem em suas diversas perspectivas, por meio da difusão, mediação, formação e intercâmbio entre áreas. Ele percebe o cinema como arte que problematiza as imbricações do presente, indiciando novos olhares em potentes formatos narrativos que abrangem desde a cinematografia clássica até os novos experimentos audiovisuais. Ao defender a linguagem como transversal às artes, e que se renova em seu dinamismo conceitual, o Sesc São Paulo tem procurado angariar uma gestão de cinema plural em estilos (da vanguarda ao *mainstream*) e formatos (da sala escura ao cinema expandido), muito guiada pela contextualização de sentido e provocação às diversas realidades onde as unidades se encontram. Desse modo, a gestão orienta-se dos objetivos institucionais – lazer, entretenimento, prática social e questionamento da realidade etc. – para ampliação da área para além do filme e da lógica do espaço – sempre tendo em mente as adequações técnicas com qualidade para imersão cinematográfica. Contudo, como a arte cinematográfica abrange e atravessa várias áreas artísticas e do conhecimento, é necessário ter em vista que, sendo o planejamento transversal, ele não deve suprimir os conflitos autônomos de cada linguagem, mas sim propulsionar e garantir os objetivos específicos de cada expressão artística em um emaranhado de interlocuções.

Na frente da ação cultural, essa gestão abarca: 1) ação de difusão, que permite a circulação e a democratização do acesso por meio de exi-

12 Discurso de abertura proferido no 14º Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade, em 25 mar. de 2009. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/palavras-do-diretor/110_ABERTURA+DO+14+FESTIVAL+INTERNACIONAL+DE+DOCUMENTARIO+S+E+TUDO+VERDADE#texto

bições regulares, itinerâncias, festivais, exposições e mostras; 2) ações processuais e formativas, que integram a programação permanente das unidades, com caráter de mediação e desenvolvimento artístico-cultural, trazem estímulo à reflexão (cineclubismo, debates, bate-papo, palestras, cursos regulares, discussões e pesquisa sobre a linguagem) e potencializam a formação de públicos, como a cinefilia, o conhecimento e o gosto pelo cinema começam com a contextualização. Exibições regulares dentro de ciclos temáticos também integram uma forma de ação processual. É pela permanência das ações que se organiza e planeja a área; 3) ações de intercâmbio, que se estabelecem pelas parcerias nacionais e internacionais via projetos institucionais que priorizam a diversidade temática, estética e cinematográfica mundial. É importante notar ainda que a área de cinema dialoga com outros programas do Sesc São Paulo, como Terceira Idade, Educação para Sustentabilidade, Juventudes, Diversidade, Acessibilidade, por meio de programação temática em mostras como Ecofalante de Cinema Ambiental, Mix Brasil de Cultura da Diversidade, Memória do Esporte Olímpico Brasileiro, entre outras; 4) ações transversais para além da interdisciplinariedade, que pressupõe disciplina e normatização. São as ações intermediáticas que trazem inovação e ousadia ao ressignificarem as tradições. Por isso, é importante pensar o cinema em uma perspectiva complexa com encontros, instalações, performances audiovisuais, debates sobre a linguagem, experiências interativas, produções do fazer cinematográfico, discussões sobre novos suportes e mídias, laboratórios de experimentação e desenvolvimento.

A gestão de cinema no Sesc São Paulo parte, portanto, de algumas estratégias de ação para o dinamismo, mediação e expansão da linguagem. Elas integram um conjunto de ações estruturadas e decisões que, uma vez articuladas, estruturam um mapa para a consecução dos objetivos. Como salientado, entre os desafios estratégicos, um deles é a programação permanente e integrada a um olhar reflexivo, transversal sobre a linguagem. Essa gestão não fixa um modelo, mas sim uma estratégia *in process* que se constrói junto da linguagem e suas intersecções na contemporaneidade. É relevante, portanto, preocupar-se com o processo, com a experiência e a desestabilização dos códigos já assimilados.

Entre as diversas ações potentes de cinema da instituição, abarcamos aqui uma importante estratégia recente que tem tido contornos relevantes institucionais: cinema em diversos formatos, dentro ou fora da sala, com diversas intenções narrativas, que tem pluralizado outras experiências cinematográficas ao público. Nesse sentido, de 2006 a 2014, foram desenvolvidos projetos (imagem 6) como: Cinema na Laje, Cine Piscina, Cinema no bosque, Cine Concerto, Cine Garagem, Cinema no

quintal, CineDrive-in Tupiniquin, Cine Chaparral, Cine Olho, Cine Bosque, Cine Kombão, Cine Susto, entre outros. É uma hipótese, mas talvez esse formato forneça possibilidades de um cinema de caráter expandido¹³ e de intervenção cultural a partir de seus deslocamentos de sentido, percepção e experiência do cinema. É uma estratégia da gestão, que se apoia nesse formato, para potencializar a transversalidade da linguagem cinematográfica em interação a outras artes, experimentações e contextos de intervenção urbana. Vale ressaltar que esta expansão está integrada à experiência da sala escura, ou seja, uma não anula a outra, mas a dinamiza como mais uma forma de fruição cinematográfica. E ainda que, tal programação, apesar do caráter “inusitado”, não traz este conceito à curadoria filmográfica, pelo contrário, o sentido expandido está não somente na forma como no conteúdo, tudo integrado: os filmes exibidos faziam remissão ao espaço em que se localizavam. Cinema Bosque trouxe a floresta como protagonista; Cine Piscina exibiu filmes em que a água era o elemento dramático; Cinema nas *Nuvens* explorou a altura e o voyeurismo como mote curatorial; Cine Olho trouxe o cinema de atrações do período silencioso como estrutura de curiosidade e interação com o público etc.



Imagem 6 (divulgação): Cine Piscina (Sesc Santos), filmes em que a água é protagonista. Foram exibidos filmes como Tubarão.



Imagem 7 (divulgação): Cinema nas Nuvens (Sesc Vila Mariana), por localizar-se no último andar de um prédio, foram exibidos filmes em que a altura e a vertigem eram protagonistas.

13 Alguns autores, indicados pelo pesquisador Roberto Cruz no texto *Experiências pioneiras em cinema expandido* “utilizam essa terminologia para tratar da produção contemporânea que apresenta variados modos de projeção, difusão e recepção das imagens em movimento. Refere-se às muitas maneiras de se trabalhar a linguagem audiovisual, ampliando-a e multiplicando-a para além do espaço da tela. Essa produção está na fronteira das diferentes disciplinas, jogando com as margens do cinema, da fotografia, do vídeo, da performance e das imagens produzidas no computador”. Fonte: CRUZ, Roberto Moreira. *Experiências pioneiras em cinema expandido*. Revista Z Cultural. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/experiencias-pioneiras-em-cinema-expandido-de-roberto-moreira-2/> Acesso em jan. de 2015.



Imagem 8 (divulgação): Cine Olho (Praças Públicas do interior de São Paulo), cinema instalativo em que, por três pequenos furos, o público acompanha cenas do primeiro cinema em tom voyeurista: os primeiros beijos, monstros e efeitos especiais da história.



Imagem 9 (divulgação): Cine Chaparral (Sesc Osasco), cinema ao ar livre onde o público assiste ao filme dentro do próprio carro.



Imagem 10 (divulgação): Cinema no Palco (Mostra de Cinema: Portas abertas – Sesc Pompeia), projeto ambientado como uma lar, configurado em um galpão com poltronas, mesas, tapetes e cadeiras ao público, para tratar de relações familiares e seus conflitos.



Imagem 11 (divulgação): Cine Kombão (Sesc Interlagos), projeto itinerante que se instala em praças públicas onde não há cinema na cidade.



Imagem 12. Cine Susto – instalação cinematográfica em que o público, imerso nesta estrutura inflável e escura, mergulha em mais de trinta cenas de medo e susto no cinema. Qual a arquitetura do medo cinematográfico?



Imagem 13. Cine Bosque – localizado no bosque do Sesc Thermas, foram exibidos filmes de terror cujo escuro e elementos da natureza fossem dramáticos e narrativos.

A partir desse panorama, notamos que a gestão da área de cinema no Sesc não é algo dado, engessado, mas tem sido um processo que se constrói junto da linguagem e suas interseções com a contemporaneidade e a estrutura da instituição. Evidencia-se que, desde sua criação, o Sesc buscou investir no repertório cultural do indivíduo por meio da diversidade artística (e cinematográfica) e de um modelo democrático de difusão, acessibilidade e mediação. Para uma gestão coerente com os objetivos institucionais, seu norte deve mirar a mediação de interesses políticos, educativos, informativos, colaborativos, sociais, debruçando-se sobre a realidade como experiência e vivência, distanciamento e intervenção, contradição e paradoxos.

Gestão se faz com inquietação, tráfego de pensamentos, (re)construção de métodos, posicionamentos. O modelo de gestão focado na transversalidade possibilita transitar entre diferentes campos, sem hierarquias, em uma perspectiva relacional marcada pelo pensamento complexo. “É por adotar essa perspectiva que a instituição recusa uma abordagem conservadora de cultura, por exemplo, tendo optado por uma proposta de inovação e ruptura. O Sesc preferiu incentivar a participação e a autonomia, assim como optou por um conceito de cultura mais amplo e menos restrito às atividades puramente artísticas”.¹⁴

Nesse sentido é que, aliado ao cinema como arte *in process*, sempre interagindo com o mundo e outras artes, concluímos que a gestão pretendida não se encerra em ações culturais eventuais, mas sim permanentes, contextualizadas, plurais, inquietas e formativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARNEY & SCHWARTZ. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural: Cultura e imaginário*. São Paulo, Iluminuras, 1997.
- CRUZ, R. M. “Experiências pioneiras em cinema expandido”. *Revista Z Cultural*. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/experiencias-pioneiras-em-cinema-expandido-de-roberto-moreira-2/>. Acesso em jan. de 2015.
- CUNHA, N. *Cultura e ação cultural: Uma contribuição a sua história e conceitos*. São Paulo: Sesc SP, 2010.
- DURAND, J. C. “Gestor cultural ofício em construção”. Disponível em: <http://centro-depesquisaformacao.sescsp.org.br/noticias/gestor-cultural-oficio-em-construcao>.

14 Depoimento de Danilo Santos de Miranda, Diretor Regional do Sesc São Paulo. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/palavras-do-diretor/56_O+SESC+E+O+FUTURO#texto.

- HEINICH, N. “A arte contemporânea exposta às rejeições”. *Revista Observatório*. IC n. 12
- SANTORO, P. F. “A relação da sala de cinema com o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita”. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/103057976/Artigo-A-Relacao-da-Sala-de-Cinema-com-o-Espaco-Urbano>.
- SONTAG, S. “Um século de cinema”. In: *Questão de ênfase*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- TURNER, G. *Cinema como prática social*. Rio de Janeiro: Summus, 1983.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

Acervo Sesc Memórias

- Coleção “O Sesc em Marcha”*. De 1949 a 1951. Ano I, II e III. Serviço Social do Comércio – Sesc. Departamento Regional do Estado de São Paulo. Acervo Sesc Memórias.
- Curso de Iniciação em Cinema*. Seminário de Estudos de Orientadores Sociais. Administração Regional do Estado de São Paulo. Serviço Social do Comércio – Sesc: jun. de 1967.
- Relatório Anual de 1980. Serviço Social do Comércio*. Acervo Sesc Memórias. Pesquisa em 07/maio de 2014.
- Relatório Anual do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio*. São Paulo, 1950-69. Acervo Sesc Memórias.
- Revista do Comercário*. Serviço Social do Comércio. Ano I, n. 2, fev. de 1956.
- Revista do Comercário*. Serviço Social do Comércio. Ano IV, n. 2, 1960.
- Teatro Sesc Anchieta*. Departamento Regional. São Paulo: Sesc, 1991.